

А с а с н о г г а



Р и л а г

Q u i n t a n a





A cachorra

Pilar Quintana

TRADUÇÃO

Livia Deorsola



intrínseca

© Pilar Quintana, 2017
Primeira edição: julho de 2017, Bogotá, Colômbia
Agência literária: Casanovas & Lynch Literary Agency S.L.

TÍTULO ORIGINAL
La perra

PREPARAÇÃO
Ana Paula Costa

REVISÃO
Wendell Setubal

ARTE DE CAPA
Elisa Von Randow

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Felipe Freitas | nippx.art | @nippx

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DO MIOLO
Kozh/iStock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q67c
Quintana, Pilar, 1972-
A cachorra / Pilar Quintana ; tradução Livia Deorsola.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
160 p. ; 21 cm.

Tradução de: La perra
ISBN 978-85-510-0659-7

I. Romance colombiano. I. Deorsola, Livia. II. Título.

20-63578

CDD: 868.993613

CDU: 82-31(862)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

— **E**ncontrei ela ali hoje de manhã, de barriga para cima — revelou dona Elodia, indicando um ponto na praia onde se juntava o lixo que o mar trazia ou desenterrava: troncos, sacolas plásticas, garrafas.

— Envenenada?

— Acho que sim.

— O que fizeram com ela? Enterraram?

Dona Elodia fez que sim com a cabeça e disse:

— Meus netos.

— Lá em cima, no cemitério?

— Não, aqui mesmo, na praia.

Muitos cães do povoado morriam envenenados. Havia quem dissesse que eram mortos de propósito, mas Damaris não podia acreditar que existissem pessoas capazes de fazer algo assim e achava que os cachorros comiam por engano as iscas com veneno deixadas para os ratos, ou comiam os ratos, que, por estarem envenenados, eram caçados com facilidade.

— Sinto muito — disse Damaris.

Dona Elodia apenas assentiu. Tinha aquela cadela havia muito tempo, uma cadela preta que vivia estirada ao lado do bar e andava atrás dela por todo lado: a igreja, a casa da nora, a loja, o cais... Devia estar muito triste, mas não demonstrava. Pôs de lado o filhote que tinha acabado de alimentar com uma seringa que enchia com o leite de uma xícara e pegou outro. Havia dez e eram tão pequenos, que ainda não tinham aberto os olhos.

— Têm seis dias de vida — contou dona Elodia —, não vão sobreviver.

Ela era velha desde que Damaris se entendia por gente, usava uns óculos de lentes grossas que aumentavam seus olhos e era gorda da cintura para baixo, uma pessoa de poucas palavras, que se movia com lentidão e se mantinha tranquila até nos dias

mais agitados do bar, quando havia bêbados e crianças correndo por entre as mesas. Dessa vez, no entanto, era nítida sua angústia.

— Por que não os distribui? — sugeriu Damaris.

— Já levaram um, mas ninguém quer cachorros tão pequeninos.

Como era baixa temporada, no bar não havia mesas nem música nem turistas nem nada, só o espaço vazio que agora ficava enorme com dona Elodia sentada em um banco e os dez filhotes numa caixa de papelão. Damaris os olhou com atenção, até que se decidiu por um.

— Posso levar este? — perguntou.

Dona Elodia pôs na caixa o que acabara de alimentar, pegou o que Damaris tinha indicado, um de pelo cinza e orelhas caídas, e o olhou por trás.

— É fêmea — disse.

Quando a maré estava baixa, a praia ficava imensa, um descampado de areia preta que mais parecia barro. Quando estava alta, a água a cobria por inteiro e as ondas traziam paus, ramos, sementes e folhas mortas da selva, que se misturavam com o lixo jogado pelas pessoas. Damaris estava voltando de uma visita à sua tia em outro povoado, que ficava no alto, em terra firme, passando o aeroporto militar, e era mais moderno, com hotéis e restaurantes de alvenaria. Tinha parado na casa de dona Eloísa por curiosidade ao vê-la com os cachorrinhos e

agora ia para casa, que ficava na ponta oposta da praia. Como não tinha onde colocar a cachorra, a pôs contra o peito. Ela cabia em suas mãos, cheirava a leite e fazia com que sentisse uma vontade enorme de abraçá-la bem apertado e chorar.

O povoado de Damaris era uma rua comprida de areia firme, com casas de lado a lado. Todas elas estavam em estado precário e se elevavam do chão sobre estacas de madeira, com paredes de tábua e telhados escuros de bolor. Damaris estava com um pouco de medo da reação de Rogelio ao ver a cadela. Ele não gostava de cachorros e, se os criava, era apenas para que latissem e cuidassem da propriedade. Já tinha três: Danger, Mosco e Olivo.

Danger, o mais velho, era parecido com os labradores usados pelos militares para farejar as lanchas e as bagagens dos turistas, mas sua cabeça era grande e quadrada como a dos pitbulls que havia no Hotel Pacífico Real, no outro povoado. Era filho de uma cadela do finado Josué, que realmente gostava de cachorro. Ele os tinha para que latissem, mas também lhes dava carinho e os treinava para que o acompanhassem quando fosse caçar.

Rogelio contava que, um dia em que fora visitar o finado Josué, um filhote que ainda não tinha com-

pletado dois meses se afastou da ninhada para latir para ele. Pensou que era aquele o cachorro de que precisava. O finado Josué deu o filhote de presente, e Rogelio lhe pôs o nome de Danger, que significa perigo. Danger cresceu para se tornar o que prometia, um cachorro zeloso e bravo. Quando falava dele, Rogelio parecia sentir respeito e admiração, mas no trato não fazia nada além de espantá-lo, de gritar “Fedorento!” e levantar-lhe a mão para que se lembrasse de todas as vezes que tinha batido nele.

Dava para perceber que Mosco não tivera uma boa vida quando filhote. Era pequeno, magro e trêmulo. Certo dia apareceu na propriedade e, como Danger o aceitou, ficou morando ali. Chegou com uma ferida no rabo, que em poucos dias infeccionou. Quando Damaris e Rogelio se deram conta, a ferida estava repleta de vermes e Damaris achou que tinha visto sair dela uma mosca voando, já completamente formada.

— Você viu?! — perguntou.

Rogelio não tinha visto nada e, quando Damaris explicou, riu a gargalhadas e disse que finalmente tinham encontrado um nome para o animal.

— Agora fique quieto, Mosco filho da puta — ordenou.

Pegou-o pela ponta do rabo, ergueu seu facão e, antes que Damaris pudesse se dar conta do que ia fazer, cortou-o num talho só. Ganindo, Mosco saiu correndo e Damaris olhou horrorizada para Rogelio. Ele, com o rabo infestado de vermes ainda na mão, deu de ombros e disse que tinha feito aquilo só para deter a infecção, mas ela sempre achou que ele havia se deleitado com o ato.

O mais jovem, Olivo, era filho de Danger e da cadela das vizinhas, uma labradora chocolate que elas diziam ser de raça. Parecia-se com o pai, embora tivesse o pelo mais longo e claro. Olivo era o mais arredio dos três. Nenhum deles se aproximava de Rogelio e eram todos muito desconfiados; Olivo, no entanto, não se aproximava de ninguém e era tão desconfiado, que não comia se houvesse gente por perto. Damaris sabia que era porque Rogelio aproveitava quando estavam comendo para se chegar sem que eles percebessem e surpreendê-los dando chicotadas com uma vara de bambu fina, destinada só para esse fim. Fazia isso quando os cachorros tinham estragado alguma coisa ou apenas porque sim, pelo prazer que lhe dava bater neles. Além do mais, Olivo era traiçoeiro: mordida sem latir e por trás.

Damaris matutou que com a cadela tudo seria diferente. Era sua, e ela não permitiria que Rogelio lhe fizesse nenhuma daquelas coisas, não deixaria nem que a olhasse feio. Havia chegado à venda de seu Jaime e a mostrou.

— Que coisinha tão pequena — observou ele.

A venda de seu Jaime só tinha um balcão e uma parede, mas era tão bem sortida, que nela se conseguiam desde alimentos até pregos e parafusos. Seu Jaime era do interior do país, tinha chegado sem nada na época em que estavam construindo a base naval e se juntou com uma negra do povoado, mais pobre do que ele. Alguns diziam que tinha progredido graças a bruxarias, mas Damaris achava que era por ser um homem bom e trabalhador.

Naquele dia, ele lhe vendeu fiado as verduras da semana, um pão para o café da manhã do dia seguinte, um saco de leite em pó e uma seringa para alimentar a cachorra. Além disso, lhe deu uma caixa de papelão.

Desde muito cedo, a vida de Damaris é marcada por tragédias e, apesar da companhia de Rogelio, carrega uma solidão que talvez tivesse sido aplacada pelo filho que nunca conseguiu ter. Cuidar da casa de veraneio há muito abandonada pela família Reyes ocupa seus dias, alivia sua consciência pelo que sente ter sido omissão sua no passado, mas nada disso lhe traz conforto.

Quando, num rompante, decide adotar a cachorra da ninhada de uma vizinha, Damaris tem a chance de desviar um pouco o foco das tentativas frustradas de engravidar. A fêmea que agora circula pela casa modesta faz aflorar instintos protetores e violentos, emoções díspares e profundas que supostamente só poderiam ser despertadas pela maternidade. A força e a intensidade dessa relação alteram tão drasticamente as dinâmicas de sua existência que Damaris já não sabe se a simples presença da cachorra fez sua vida ganhar ou perder, de uma vez por todas, o rumo.

Breve e magnético, *A cachorra* se passa em um cenário de dualidades entre beleza e violência. Ambientado em uma bolha de tempo desacelerada, na qual os acontecimentos se desenrolam com a típica lentidão sazonal de uma cidade de veraneio, é um romance contundente sobre vidas marginalizadas em um contexto bastante familiar aos leitores latino-americanos.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1001